

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

DIEGO PIVETA ALVARENGA

**A CONCENTRAÇÃO DEMOGRÁFICA DE EMPRESAS NO SUDESTE
BRASILEIRO SOB A ÓTICA DO PROCESSO DE ECONOMIAS DE
AGLOMERAÇÃO E SEUS IMPACTOS NO EMPREGO E NO PIB DO BRASIL**

VARGINHA /MG

2022

DIEGO PIVETA ALVARENGA

**A CONCENTRAÇÃO DEMOGRÁFICA DE EMPRESAS NO SUDESTE
BRASILEIRO SOB A ÓTICA DO PROCESSO DE ECONOMIAS DE
AGLOMERAÇÃO E SEUS IMPACTOS NO EMPREGO E NO PIB DO BRASIL**

Trabalho de Conclusão do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão (PIEPEX) apresentado como parte dos requisitos para conclusão do curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia da Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ciências Econômicas. Orientador: Prof.^a Dr.^a Nildred Stael Fernandes Martins

Varginha/MG

2022

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Campus Varginha

Piveta Alvarenga, Diego.

A CONCENTRAÇÃO DEMOGRÁFICA DE EMPRESAS NO SUDESTE
BRASILEIRO SOB A ÓTICA DO PROCESSO DE ECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO
E SEUS IMPACTOS NO EMPREGO E NO PIB DO
BRASIL / Diego Piveta Alvarenga. - Varginha, MG, 2022.
24 f. : il. -

Orientador(a): Nildred Stael Fernandes Martins.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado
Interdisciplinar em Ciência e Economia) - Universidade Federal de Alfenas,
Varginha, MG, 2022.

Bibliografia.

1. Aglomeração. 2. Empresas. 3. Economia. I. Martins, Nildred Stael
Fernandes, orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

Diego Piveta Alvarenga

A CONCENTRAÇÃO DEMOGRÁFICA DE EMPRESAS NO SUDESTE BRASILEIRO SOB A ÓTICA DO PROCESSO DE ECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO E SEUS IMPACTOS NO EMPREGO E NO PIB DO BRASIL

A banca examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão (PIEPEX) apresentado como parte dos requisitos para conclusão do curso Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia da Universidade Federal de Alfenas/MG.

Aprovado em:

Prof. Dr. André Luiz da Silva Teixeira Assinatura: _____
Universidade Federal de Alfenas - *campus* Varginha.

Prof. Dr. Bernardo Pádua Jardim de Miranda Assinatura: _____
Universidade Federal de Alfenas - *campus* Varginha.

Profa. Dra. Nildred Stael Fernandes Martins: _____
Universidade Federal de Alfenas - *campus* Varginha.

Varginha/MG

2022

Resumo

O processo de economias de aglomeração é uma das características importantes no dinamismo da industrialização urbana, pois é por ela que se pode explicar a concentração econômica e produtiva em determinadas regiões geográficas. O objetivo deste trabalho é analisar a distribuição de atividades econômicas entre as cinco grandes regiões brasileiras, com foco no número de empregos por região, empresas de alto crescimento e no Produto Interno Bruto brasileiro. A metodologia usada é uma análise de dados do ano de 2019, extraídos da pesquisa *Demografia das Empresas no Brasil* e das *Contas Regionais do Brasil*, ambos coletados no banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A verificação dos dados permitiu constatar que a Região Sudeste do Brasil concentra grande parte das empresas e conseqüentemente possui maior influência tanto no número de empregos, quanto no Produto Interno Bruto brasileiro.

Palavras-chave: Aglomeração; Empresas; Economia.

ABSTRACT

The process of agglomeration economies is an important characteristic in the dynamism of urban industrialization, because it is through it that the economic and productive concentration in certain geographic regions can be explained. The objective of this document is to carry out an analysis to verify the numbers of the regional concentration of companies in Brazil and the possible impacts on the national economy, focusing on the number of jobs by region, high growth companies and the Brazilian PIB. The methodology used is article an analysis of data from the year 2019, extracted from the survey (*Demografia das Empresas no Brasil e das Contas Regionais do Brasil*), both collected in the database of the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). The verification of the data presented that the Southeast Region of Brazil concentrates a large part of the companies and consequently has a greater influence on the number of jobs and on the Brazilian PIB.

Palavras-chave: Agglomeration; Companies; Economy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
3	METODOLOGIA.....	14
4	RESULTADOS.....	14
5	DISCUSSÃO.....	23
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	REFERÊNCIAS.....	27

1 Introdução

A expressão “economia de aglomeração” refere-se a um processo de urbanização e industrialização em que há a atração de muitas empresas, pessoas e serviços para uma determinada região geográfica. No processo de decisão do lugar onde a empresa será instalada, busca-se dar preferência por locais que tenham algumas características que facilitem a performance empresarial, como: proximidade com a fonte dos materiais necessários para o negócio, mão de obra, consumidores, serviços e facilidades no transporte dos produtos.

As economias de aglomeração podem ser definidas como os ganhos econômicos advindos da concentração geográfica das atividades produtivas. Tais ganhos podem se manifestar de diferentes formas: através da difusão local do conhecimento, da redução dos custos logísticos, do surgimento de atividades complementares, do adensamento do mercado de trabalho, entre outros. Como as atividades industriais são, sobretudo, urbanas, tais movimentos estão essencialmente ligados ao processo de expansão populacional e econômica das cidades. (Dalberto e Staduto, 2013, p. 541)

Na formação dos centros urbanos, dois fatores opostos têm papéis importantes para este trabalho. São eles: o processo de aglomeração (força centrípeta) e o de desaglomeração (força centrífuga). Ao explicar sobre o processo das forças centrípetas e suas características que contribuem para a atração de muitas firmas para uma determinada região, Marshall (1992 apud Martins, 2003) afirma que o grau de especialização produtiva do local, ou seja, o conhecimento acumulado em relação à produção, somada as vantagens de proximidade geográfica e a especialização da mão de obra, se transformam em um fator de aglomeração de atividades econômicas. As três vantagens citadas anteriormente, são chamadas de "tríade marshalliana". Outra característica importante para compreensão do processo aglomerativo, é chamada de economia de urbanização, estudada por Jane Jacobs (1975) que diz respeito às vantagens absorvidas dos serviços locais. Sejam eles ligados à produção, formação de mão de obra ou desenvolvimento de tecnologia.

Quando uma região urbana cresce em grande escala como resultado da aglomeração causada pelos fatores expostos no último parágrafo, é possível que esse local comece a sofrer com as forças centrífugas ou economias de desaglomeração. Estas forças têm vínculo direto com a valorização das terras na região, criando assim, uma

renda fundiária. Essa valorização ocorre pelo aumento na demanda por terras. Com a elevação nos preços, apenas as empresas e pessoas que participam de atividades econômicas mais rentáveis conseguem pagar por instalações nos lugares centrais e gera uma hierarquização do espaço, onde quanto maior o ganho, maior é a proximidade com o centro. Segundo Campos et al (2016), a renda fundiária acaba por expulsar as empresas inseridas em atividades menos lucrativas, pois estas não conseguem pagar pela localização privilegiada. Essa mesma lógica acontece com a aquisição de imóveis por pessoas, onde a valorização da terra daqueles que tiveram poder aquisitivo para comprar imóveis em lugares centrais tem seu capital fundiário valorizado. Perante estas constatações, nota-se que a tendência do capital é se acumular.

No Brasil podemos usar como exemplo deste processo de aglomeração, a concentração da maioria das empresas industriais na Região Sudeste, dando destaque para o estado de São Paulo, estado onde as vantagens de instalação foram encontradas e como consequência, houve uma grande concentração do setor secundário na região. Dentro do estado de São Paulo, é possível perceber uma aglomeração interna, onde a região das redondezas de sua capital, a cidade de São Paulo, possui grande número de empresas em comparação com o interior do estado. Além da aglomeração interna no estado de São Paulo, é possível perceber também a aglomeração nos estados da Região Sudeste (onde fica localizado São Paulo). As demais regiões brasileiras apresentam níveis de aglomeração menores se comparados com a Região Sudeste.

Quando essas forças atuam de forma desequilibrada, como é o caso de quando as forças de atração se sobrepõem às forças de repulsão, isso favorece uma região em detrimento da outra. A região favorecida concentra os fatores de produção e a atividade produtiva e, portanto, torna-se um centro econômico, enquanto as regiões menos favorecidas formam uma região periférica em torno da região central. Nesse jogo desequilibrado de forças de atração e repulsão, cria-se o que os autores chamam de dinâmica centro-periferia de distribuição da atividade produtiva no espaço, dinâmica esta que é reproduzida por meio de um processo circular cumulativo (MELO, 2011, p. 11)

De acordo com Lemos (1988) a evolução do capitalismo desde os primórdios do século 17, 18 e até o atual, tem sido marcada por uma constante e permanente retribuição espacial das atividades econômicas, repercutindo nos movimentos migratórios locais, internacionais e regionais. Assim, Lemos (1988) afirma que a crise da urbanização atual, não só do Brasil, mas de um conjunto das periferias capitalistas, deve ser entendida por aspectos não só conjunturais, mas também por uma perspectiva histórica que leve em conta, pelo menos a sua evolução recente no período em que segue a segunda guerra mundial.

Para destacar uma perspectiva histórica de como se formaram partes da economia urbana brasileira, pode-se observar que até na década de 1930 a concentração industrial foi induzida pelo setor exportador. Destacadamente a exportação de borracha na Amazônia, de açúcar e algodão no NE e de café no Sudeste.

Assim, Martins (2003) desdobra sobre a crise de 1929, quando ocorre um deslocamento do eixo dinâmico da acumulação, do setor agroexportador para o industrial no Brasil. O processo de substituição de importações faz parte de um processo de maior integração do mercado interno. As restrições às importações forçaram a periferia nacional a importar produtos manufaturados de São Paulo; passando este, a importar mais matérias-primas e alimentos de outros estados. Essa dinâmica levou ao crescimento de todas as regiões do país, incentivadas pela integração regional.

Porém para Martins (2003), o desenvolvimento se deu de forma mais intensa na região centro-sul, incentivada pela proximidade em relação a São Paulo, o que acentuou o diferencial de desenvolvimento entre as regiões brasileiras. Diante deste fato, o Estado passou a se preocupar com a promoção da integração nacional, a partir de 1972, com o objetivo de reduzir os desequilíbrios regionais. As políticas adotadas nos dois planos nacionais de desenvolvimentos, retratam esta preocupação. A combinação destas políticas com fatores locais diversos levou a uma clara modificação na concentração espacial da indústria brasileira a partir da década de 70, que ficou conhecida como movimento de reversão da polarização e desconcentração industrial de São Paulo.

Portanto, o interesse deste artigo é analisar dados do ano de 2019 que possam dar um panorama sobre como se encontra a distribuição de atividades econômicas entre as regiões e verificar o grau de concentração econômica na região Sudeste.

Neste trabalho, também foi feita uma análise da concentração de duas classificações de empresa que permitem verificar se os ambientes empresariais das regiões estão seguindo a tendência de aglomeração, verificando dados de crescimento dessas organizações. Os dois tipos de empresas selecionadas são: empresas de alto crescimento e as empresas gazelas. Gazelas, são empresas de alto crescimento com até cinco anos de idade no ano de referência. Essas empresas de alto potencial apresentam rápida escala financeira e aumento contínuo no número de colaboradores em um pequeno espaço de tempo. Por isso, seguindo a ótica deste artigo, se fez necessário apresentar dados da quantidade de unidades dessas empresas e os números de pessoas ocupadas.

Este artigo está dividido em três partes, além da introdução e das considerações finais. A primeira parte apresenta o referencial teórico e a metodologia utilizada, ou seja, os recursos usados para fazer a análise e o modo como foram manuseados. A segunda parte apresenta dados importantes para obter conclusões sobre a distribuição do número de empresas no Brasil, porcentagem na participação de cada região no PIB brasileiro, distribuição da população brasileira por região, números de pessoas empregadas divididas por regiões, a remuneração em salários mínimos também dividida por regiões, e por fim dados, de distribuição, pessoal ocupado e salários de empresas de alto crescimento e empresas gazelas que podem dar um panorama futuro do desenvolvimento e do ambiente empresarial de cada região. A terceira seção analisa os dados apresentados e faz uma discussão acerca dos resultados obtidos.

2 Referencial teórico

Para compreender melhor o processo de economia de aglomeração, pode-se ver autores e teorias sobre a problemática da disposição urbana, a qual, segundo Lemos (1988), pode ser pensada em dois aspectos fundamentais. O primeiro consiste no fato de que a evolução do capitalismo determinou desde os primórdios até os dias atuais um movimento de urbanização no sentido da transferência de atividades de populações

rurais para a cidade ou, movimento campo vs cidade envolvendo tanto desruralização quanto a urbanização das cidades, tendo assim uma diminuição em atividades rurais e aumento de atividades econômicas urbanas em regiões específicas.

O segundo aspecto que Lemos (1988) aborda, resulta da tendência à centralização, que ocorre paralelamente ao processo referido de concentração. A centralização consiste no desenvolvimento desigual dos centros urbanos que implica a concentração relativa das atividades econômicas em grandes centros urbanos. Este movimento convergiu no Século XX para a formação de grandes metrópoles tanto no centro quanto na periferia do mundo capitalista.

Tendo estas duas abordagens de movimentos da urbanização, mostrando como se comportou a um movimento histórico do capitalismo, Campos et al (2016) mostra que se torna importante a compreensão dos fatores que levaram as atividades a se aglomerar em determinadas regiões.

As teorias da localização se caracterizam como um ramo particular de estudos onde é normalmente aplicado o paradigma neoclássico do equilíbrio, em que ao avaliar a localização geográfica das atividades produtivas, tenta definir alocações ótimas das firmas, por meio do princípio da maximização, com a ideia de que existe um ponto ótimo no espaço em que é possível maximizar lucros ou minimizar custos. Para uma compreensão mais abrangente sobre o assunto apresenta-se, ainda que de forma sucinta, as principais teorias que abordam o tema da economia urbana.

De acordo com Lemos (1988 *apud* Campos, 2016), os princípios básicos da teoria da localização foram dados por autores alemães como Von Thünen (1910, *apud* Lemos, 1988), Alfred Weber (1969) e August Lösch (1954). O desenvolvimento desta teoria encontrou um acabamento com autores americanos dos anos cinquenta e posteriores, onde Walter Isard (1956) foi um dos principais expoentes.

Von Thunen (1910) foi o primeiro economista que considerou a possibilidade da existência do espaço localizado afetar a opção locacional das atividades econômicas em geral. Em particular seu modelo voltou-se para a agricultura e procurou determinar a localização relativa das várias atividades (e produtos) agrícolas. Desenvolveu uma teoria da localização agrícola (modelo de uso do solo), preocupando-se em entender como as diferentes culturas se organizam no espaço. Especificamente, como as

atividades estabelecidas irão se localizar no espaço, tendo em vista a existência de uma renda da terra (renda fundiária) específica. O modelo depende de um gradiente de rendas, e a renda vai ser maior quanto menor for a distância. A renda diferencial é eminentemente espacial.

Lösch (1954) constrói seu modelo procurando explicar qualquer dimensão da localização, incorporando o espaço como variável interna do modelo de determinação da localização. Como principais hipóteses, August Lösch (1954) assume que a concorrência é perfeita, tenta entender economias de escala, cria uma ideia de curva de demanda no espaço (negativamente inclinada) e a partir disso uma ideia de área de mercado a qual ele vai desenvolver e mostrar que a aglomeração é a síntese final da acumulação de capital no espaço. Em suma, sua teoria traz que a divisão das firmas no espaço forma áreas que se tangenciam em forma de hexágonos. Com isso, a abrangência territorial de uma firma está relacionada ao seu custo de transporte e suas economias de escala. Para Lösch (1954), a capacidade da empresa de avançar para novos territórios vem da soma de três fatores positivos: baixo preço de oferta, maior área de mercado e maior lucratividade. Quando essa lógica é aplicada a uma grande escala de empresas e territórios, pode-se observar a acumulação de capital em uma cidade central.

Para compreensão da relação entre industrialização e o processo de economia de aglomeração, pode-se trazer a teoria da localização industrial de Weber (1969). Para o autor, as matérias-primas não são distribuídas de maneira igualitária no espaço e isso faz com que as indústrias se localizem em regiões que minimizem os custos do frete dos insumos de produção e da entrega para o mercado final. Portanto, quanto mais a indústria está próxima do local dos insumos de produção, maior é a vantagem estática e conseqüentemente, maior é a aglomeração de outras indústrias na mesma região.

Dados os conceitos apresentados no referencial teórico, a sequência do trabalho foca na análise de dados que permitem verificar a grau e a atual situação dos efeitos das economias de aglomeração no território e na economia nacional.

3 Metodologia

Para esta análise foram selecionados dados transversais e o ano de 2019 foi base para a análise dos indicadores. Em relação à abrangência territorial, os dados coletados vão apresentar os números nacionais e os dados sobre as cinco grandes regiões brasileiras (Sudeste, Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte). Este trabalho é uma pesquisa empírica quantitativa. Os dados coletados são do levantamento da pesquisa sobre a *Demografia das Empresas no Brasil* do IBGE e das *Contas Regionais*, também do IBGE, obtidos através do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA).

Para uma melhor compreensão dos dados apresentados a seguir, é necessário compreender qual é a definição de “unidade local de empresa”, “unidades locais de empresas de alto crescimento” e “empresas gazelas”. É classificada como unidade local de empresa, as empresas que exercem atividades no ano da coleta dos dados, ou seja, empresas que estavam ativas em qualquer momento do ano de 2019, ano base utilizado neste trabalho. Empresas de alto crescimento são aquelas que crescem pelo menos 20% por ano em número de empregados assalariados, e mantém esse crescimento por um período de 3 anos consecutivos, tendo pelo menos 10 empregados assalariados. Empresas gazelas, são empresas de alto crescimento com até 5 anos de idade contados até o último dia do ano de referência.

4 Resultados

A tabela 1 mostra que o número total de empresas ativas no Brasil em 2019 era de 4.827.457. Verificando os dados, agora divididos entre as cinco grandes regiões, temos os seguintes números: a Região Sudeste possuía 2.415.554 unidades locais ativas, a Sul 1.090.550, a Nordeste 740.286, a Centro-Oeste 402.311 e a Região Norte 178.756. Comparando em termos percentuais é possível verificar que mais da metade (50,03%) das empresas captadas pela pesquisa se situavam na Região Sudeste. A Região Sul vem logo em seguida com 22,59%, seguida pela Região Nordeste com 15,33%. A Região Norte apresenta a menor participação no total com apenas 3,61%. Fazendo a comparação entre o Sudeste e o Norte vemos que o número de empresas na Região Sudeste é 1351% maior do que na Região Norte.

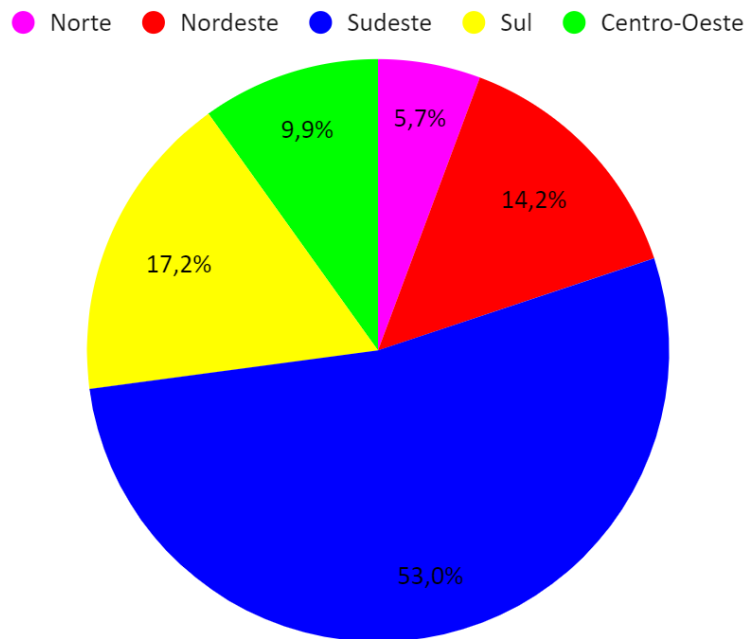
Tabela 1 - Número de unidades locais de empresas (Unidades) e percentual do total no Brasil e nas grandes regiões em 2019

Brasil e Grandes Regiões	Quantidade de unidades locais de empresas	Percentual do total geral
Sudeste	2.415.554	50,03%
Sul	1.090.550	22,59%
Nordeste	740.286	15,33%
Centro-Oeste	402.311	8,33%
Norte	178.756	3,70%
Brasil	4.827.457	100,00%

Fonte: elaboração própria. Fonte dos dados: IBGE - Demografia das Empresas

O Gráfico 1 apresenta a partição em percentual de cada região no PIB brasileiro. PIB é a sigla para Produto Interno Bruto, que é a soma, em valores monetários, de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um determinado período. Com o intuito de reafirmar a liderança do Sudeste em todos os quesitos desta análise, neste gráfico a região é responsável por 53% de todo produto interno bruto produzido no país. A Região Sul e Nordeste novamente apresentam parcelas semelhantes com 17,20% e 14,20% respectivamente. A Região Centro-Oeste apresenta 9,90% e a Região Norte foi responsável por apenas 5,70% do PIB brasileiro.

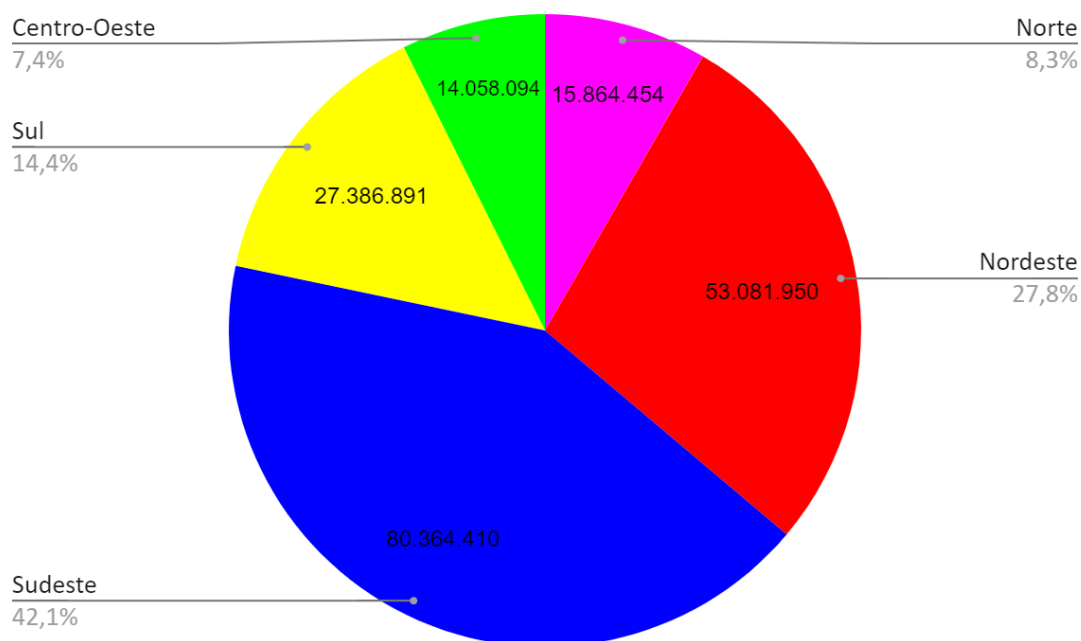
Gráfico 1 - Participação percentual das Grandes Regiões no PIB brasileiro em 2019.



Fonte: elaboração própria. Fonte de dados: Fonte: IBGE - Contas regionais do Brasil: 2019

O Gráfico 2 apresenta a partição em percentual de cada região na população brasileira. A Região Sudeste tem 42,1% de toda população no país. Este gráfico também tem o intuito de dar melhores insumos para as análises de mão de obra e ressaltar a disparidade em relação a Região Nordeste, que nas análises econômicas não apresenta a mesma colocação, apesar de ter 27,8% da população. A Região Sul tem 14,40%. A Região Norte tem 8,30% e a Região Centro-Oeste apresenta 7,40%.

Gráfico 2 - Porcentagem e número de população residente por região em 2010.



Fonte: elaboração própria a partir dos dados: Fonte: IBGE - Censo Demográfico: 2010

A tabela 2 apresenta o número de pessoas empregadas nas empresas contabilizadas. O total de empregados no Brasil era de 33.915.323. O Sudeste tinha 18.215.262 empregados, o Sul 6.156.220, o Nordeste 5.488.072, o Centro-Oeste 2.525.787, o Norte 1.529.982. Agora confrontando os Percentuais, a Região Sudeste novamente possuía mais da metade com 53,70%. É importante ressaltar que a tabela 2 apresenta novamente a mesma classificação entre as regiões em paridade com a tabela 1. A Região Sul se apresenta como a segunda colocada com 18,15% do total e a Região Nordeste vem na terceira posição com 16,20%, mostrando que as duas regiões apresentam números próximos neste quesito. Centro-Oeste tem 7,44%. A Região Norte tem 4,51% do total, mais uma vez apresentando a menor participação.

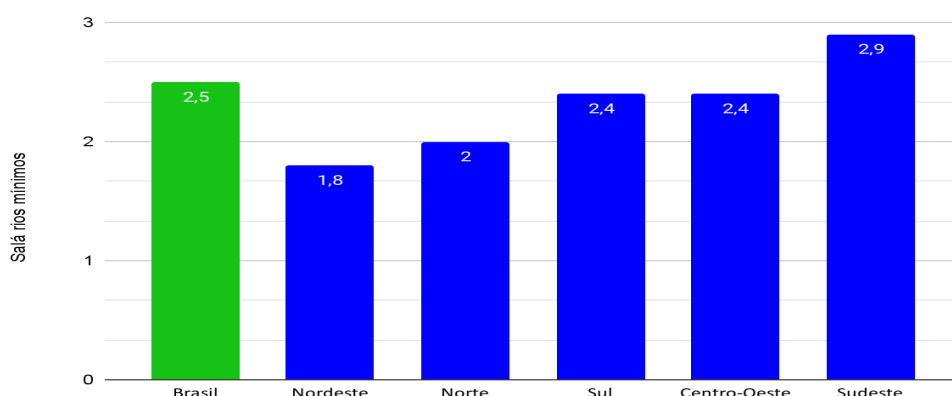
Tabela 2 – Número de pessoas empregadas em unidades locais de empresas e percentual total geral no Brasil e nas grandes regiões em 2019

Brasil e Grandes Regiões	Pessoas empregadas em unidades locais de empresas	Percentual do total geral
Sudeste	18.215.262	53,70%
Sul	6.156.220	18,15%
Nordeste	5.488.072	16,20%
Centro-Oeste	2.525.787	7,44%
Norte	1.529.982	4,51%
Brasil	33.915.323	100,00%

Fonte: elaboração própria. Fonte dos dados: IBGE - Demografia das Empresas

O Gráfico 3 exibe o salário médio mensal nas unidades locais e usa como unidade de medida o salário mínimo. Em destaque, a primeira coluna representa a média brasileira que atingiu o número de 2,5 salários mínimos (s.m.) em 2019. O Sudeste aparece novamente na liderança com 2,9 s.m., o Sul e Centro-Oeste aparecem empatados na segunda colocação com 2,4 s.m., o Norte e o Nordeste vem logo em seguida com 2 s.m. e 1,8 s.m., respectivamente. Note que neste ranking houve algumas alterações nas posições em comparação com os rankings anteriores. A Região Centro-Oeste passou a ocupar o segundo lugar, a Região Norte subiu para quarta colocação e a Nordeste teve o menor salário médio mensal com 1,8s.m.. A diferença entre o Sudeste e o Nordeste foi de 1,2 s.m..

Gráfico 3 - Salário médio mensal das unidades locais de empresas (Salários mínimos) do Brasil e das Grandes Regiões em 2019



Fonte: Elaboração própria. Fonte dos dados: IBGE - Demografia das Empresas

A tabela 3 apresenta o número de empresas de alto crescimento que, como dito anteriormente, são organizações que crescem pelo menos 20% por ano em número de empregados assalariados, e mantém esse crescimento por um período de 3 anos consecutivos, tendo pelo menos 10 empregados assalariados. O total no Brasil era de 59.992. O Sudeste tinha 28.847 das empresas de alto crescimento, o Sul 12.011, o Nordeste 10.042, o Centro-Oeste 5.602, o Norte 3.490. Agora confrontando os Percentuais, a Região Sudeste novamente obteve um valor próximo da metade do total nacional com 48,08%. A Região Sul se apresentou como a segunda colocada com 20,02% do total e a Região Nordeste vem na terceira posição com 16,74%, mostrando que as duas regiões apresentaram novamente números próximos neste quesito. A Região Centro-Oeste apresentou 9,34% e a Região Norte 5,82% do total.

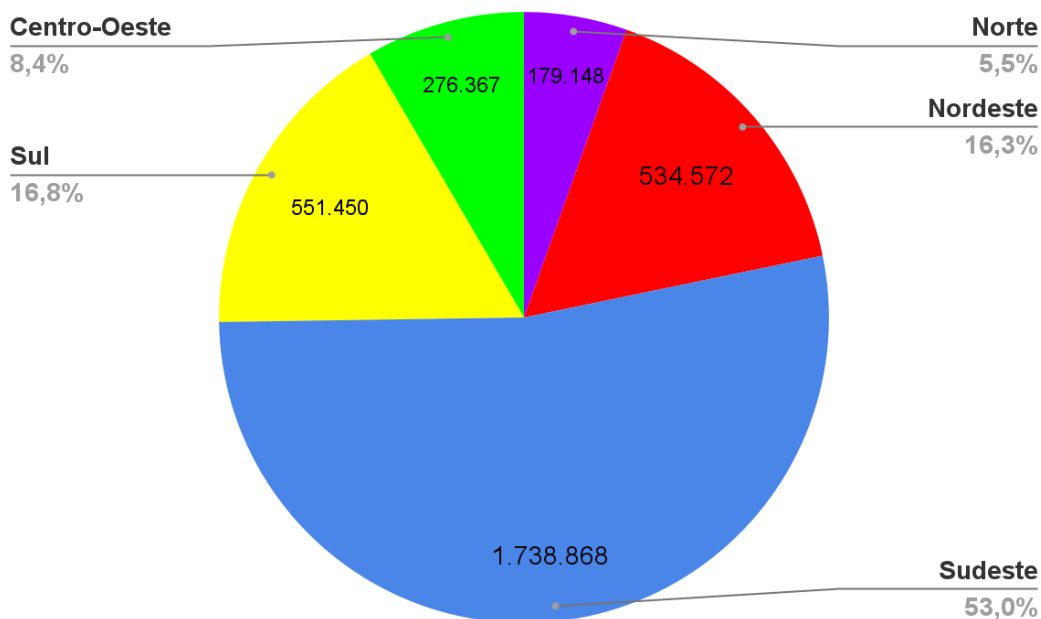
Tabela 3 - Número de unidades locais de empresas de alto crescimento no Brasil e nas grandes regiões em 2019.

Brasil e Grandes regiões	Total de unidades locais de empresas de alto crescimento (Unidades)	Porcentagem do total
Sudeste	28.847	48,08%
Sul	12.011	20,02%
Nordeste	10.042	16,74%
Centro-Oeste	5.602	9,34%
Norte	3.490	5,82%
Brasil	59.992	100,00%

Fonte: Elaboração própria. Fonte dos dados: IBGE - Demografia das Empresas: 2019

O Gráfico 4 apresenta a partição em percentual e número de pessoas empregadas em empresas de alto crescimento. Esses dados são interessantes, por darem a capacidade de analisar o crescimento de unidades locais e conseqüentemente o ambiente de consolidação da “saúde” empresarial por cada região. A classificação segue novamente a tendência. O Sudeste apresenta percentual de 53% do total de pessoal empregado em empresas de alto crescimento com o total de 1.738.868, seguido pela região Sul e Nordeste que apresentam respectivamente as seguintes porcentagens e número de pessoal empregado: 16% e 551.450; 16,3% e 534.572. Centro-Oeste fica na penúltima posição com 8,4% e 276.367, seguida pela Região Norte que apresenta os números mais inferiores da análise: 5,5% e 179.148.

Gráfico 4 - Percentual e número de pessoal ocupado assalariado de unidades locais de empresas de alto crescimento por Grande Região.



Fonte: Elaboração própria. Fonte dos dados: IBGE - Demografia das Empresas

A tabela 4 exibe os números e porcentagens da empresa gazelas no Brasil e nas Grandes Regiões. Como é usado um parâmetro de seleção temporal mais restrito, o número de unidades é menor se comparado ao número de empresas de alto crescimento. Nesta disposição, o Sudeste também é dono de mais da metade das unidades com 2775 empresas, o que equivale a porcentagem de 54,09% do total nacional. Com 827 unidades, pela primeira vez, a região Nordeste aparece em segundo lugar, mas ainda assim, com porcentagem e números bem próximos à região Sul que apresenta 787 empresas gazelas. A região Centro-Oeste, penúltima, e Norte, última, apresentam respectivamente, os seguintes números de empresas gazelas: 475 e 266.

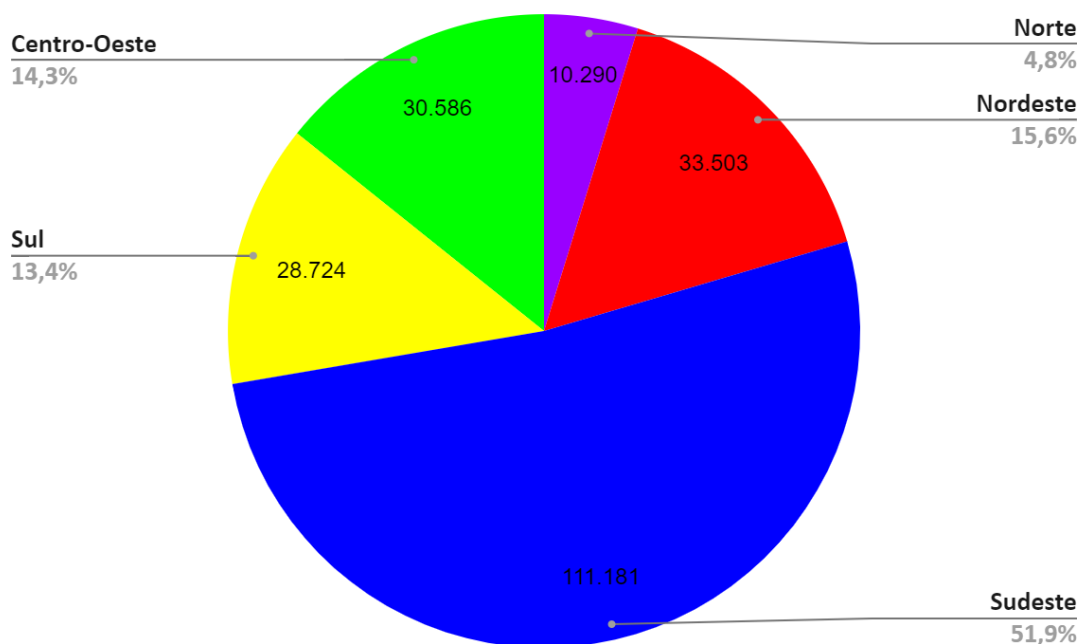
Tabela 4 - Número de unidades locais de empresas gazelas no Brasil e nas grandes regiões em 2019.

Brasil e Grandes regiões	Número de unidades locais de empresas gazelas	Porcentagem do total
Sudeste	2775	54,09%
Nordeste	827	16,12%
Sul	787	15,34%
Centro-Oeste	475	9,26%
Norte	266	5,19%
Brasil	5130	100%

Fonte: elaboração própria. Fonte dos dados: IBGE - Demografia das Empresas.

O gráfico 5 apresenta o número de pessoas empregadas nas empresas gazelas. O total de empregados nessas empresas era de 214.284 em 2019. O Sudeste tinha 111.181 empregados, o Nordeste 33.503 , o Centro-Oeste 30.586, o Sul 28.724 e o Norte 10.290 . Na análise dos percentuais, a Região Sudeste mantém a posição de liderança com 51,9%. Seguindo a tabela anterior, o Nordeste tem a segunda posição com 15,6%. Uma alteração inédita também acontece nesta análise. A Região Centro-Oeste aparece pela primeira vez como terceira na lista, com 14,3%. Nestes dados, a Região Sul é a penúltima com 13,4% do total. A Região Norte tem 4,8% do total, mais uma vez apresentando a menor participação.

Gráfico 5 - Percentual e número de pessoal ocupado assalariado em empresas gazelas por Grande Região.



Fonte: Elaboração própria. Fonte dos dados: IBGE - Demografia das Empresas

5 Discussão

Os dados exibidos acima descrevem como o processo de economias de aglomeração está presente no território brasileiro. Sabendo que a Região Sudeste é a grande portadora de empresas, é possível fazer uma associação com o conceito de aglomeração empresarial, tornando evidente a desigualdade em termos de produção e número de empregos entre as regiões brasileiras.

Esse processo de criação conglomerada no Sudeste teve como principal agente o estado de São Paulo e sua expansão econômica, que alavancou também a economia brasileira, como diz (CANO, 1997, p.106) “à medida que se intensificaram o desenvolvimento econômico e a industrialização de São Paulo, aquelas relações aumentavam, exigindo transformações das estruturas produtivas regionais e estimulando o crescimento econômico.” Mesmo o Brasil possuindo mais quatro regiões extensas,

apenas o Sudeste foi responsável por 53% da soma, em valores monetários, de todos os bens e serviços finais produzidos no país, ou seja, a economia brasileira depende consideravelmente da economia do sudeste. A consolidação do Sudeste como grande beneficiada pela aglomeração econômica, pode ser observada nos números de empresas de alto potencial de crescimento e de empresas gazelas, onde representa mais da metade de todos os números nacionais. Todo esse reforço dos fortes números deste tipo de empresa, se somam à já acumulada industrialização na principal região econômica do país.

Mesmo com a polarização no Sudeste, as outras regiões têm sua importância econômica. A Região Sul tem um papel secundário importante, já que se coloca como a segunda maior força produtiva do país. Essa posição se deve principalmente ao processo de desconcentração concentrada que ocorreu entre a década de 70 e o final da década de 90. Os custos fundiários elevados de São Paulo, levaram as plantas industriais para novas regiões ótimas (entre insumos e consumidores) em outros estados do Sudeste e da Região Sul, como cita Martins (2003, p.4) “ Já a partir da década de noventa, os índices da PIM/PF (Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física) mostram um crescimento da indústria do sul do país, com destaque para o Rio Grande do Sul e também um crescimento da indústria mineira.” Além do número de empresas significantes, a Região Sul apresenta também o segundo maior número de empregos gerados, acompanhados por um salário médio de 2,4 (apenas 0,5% abaixo da Região Sudeste). Esse destaque secundário do Sul tem sua explicação no desenvolvimento industrial realizado ao mesmo tempo que a Região Sudeste, como afirma (DE MELO, 2007, p. 10): “Até a década de 1960, as regiões Sudeste e Sul já haviam iniciado seu processo de industrialização[...]. Em relação às empresas de alto crescimento e do pessoal empregado nelas, o Sul mantém a segunda posição na análise nacional, o que dá sequência a lógica de economias de aglomeração. Nos dados sobre empresas gazelas, a região não se mantém nas mesmas posições dos rankings anteriores. A tabela, que apresenta o número de unidades locais de empresas gazelas, apontou que por 40 empresas a Região Nordeste estava na segunda posição. No gráfico 5, a região apresenta percentual e números menores que a Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste nesta respectiva ordem.

Na análise sobre o efeito das economias da aglomeração perante os dados da Região Nordeste, este trabalho levanta um ponto de atenção para os projetos de

integração nacional. Como apresentado no gráfico 2, que mostra a divisão de população entre as regiões, o Nordeste tinha em 2019 53.081.950 habitantes, que equivale a 27,8% do total nacional. Se levantada lógica que a aglomeração de população/consumidores leva a uma escala proporcional de aglomeração de empresas, a região apresenta uma deficiência significativa em relação ao Sudeste, mas principalmente em relação a região Sul que possui uma razão de 1,93 se dividida pelo percentual do Nordeste. A região apresentou níveis aproximados com a Região Sul no quesito números de empresas e postos de trabalhos, porém juntamente com a Região Norte apareceu na última colocação em pelo menos um dos índices. No caso, no índice de valor médio dos salários pagos. Quando é verificada a diferença entre o valor do salário médio no Sudeste e no Nordeste, este índice se torna ainda mais preocupante, pois a diferença atinge 1,1 salário mínimo, essa disparidade considerando que o valor salário mínimo em 2019 era R\$ 998,00, resulta em uma desigualdade de R\$ 1097,8 entre as regiões. Observações mais “esperançosas” podem ser feitas olhando para os dados de empresas gazelas e seu pessoal ocupado. No número de unidades locais de empresas gazelas, a região possuía 827 empresas, o que equivale a 16,12% do total nacional. No número de pessoal ocupado assalariado em empresas gazelas a região tem a segunda posição com 33.503 pessoas ocupadas.

O Centro-Oeste em relação ao Sudeste e ao Nacional sempre apresentou percentuais pequenos, mas ao deixar a escala do Sudeste de lado, é possível chegar a conclusões interessantes sobre a Região. Partindo da análise da população, é possível observar um total de população bem próximo do total da Região Norte. Contudo, nas análises econômicas, começou-se a observar uma disparidade de quase 100% entre essas duas regiões. No gráfico 3, foi a região que obteve a segunda maior média salarial. Esta colocação a colocou na mesma média da região Sul. Já em relação ao Sudeste sua diferença foi de 0,5 salários mínimos. Outro ponto de destaque da região, foi sua participação no número de pessoal ocupado assalariado em empresas gazelas, onde a apresentou o total de 30.586, ultrapassando a Região Sul, mesmo com um número bem inferior de empresas deste tipo.

A Região Norte é claramente a mais desfavorecida pelo processo de economias de aglomeração. Ela apresentou os menores números, sendo a menor economia, tendo o menor número de empresas e menor número de empregos.

A desigualdade econômica regional no Brasil tem sido uma marca permanente. Um fator determinante para essa desigualdade foi o processo de industrialização, que se deu de forma desigual no espaço, mais especificamente, de forma desigual entre as macrorregiões. Por diversas razões históricas, o processo de industrialização no país se concentrou na região Sudeste, em detrimento das regiões Norte e Nordeste (DE MELO, 2011, p. 12)

Como foi concluído pela análise a economia brasileira é consideravelmente beneficiada com elevada produção gerada na Região Sudeste, onde estão concentradas as empresas. Porém o Brasil possui grande extensão territorial e povoamento relevante em todo seu território. As regiões fora da mancha de concentração empresarial são economicamente e socialmente sensíveis, portanto, não é apropriado defender o desenvolvimento econômico baseado na concentração (GALINARI, 2007).

6 Considerações finais

Com este artigo foi possível concluir que a Região Sudeste apresenta o maior nível de concentração de empresas no Brasil. Ela também possui superioridade econômica e superioridade em número de empregos, já que oferta a maioria de vagas e os detém os maiores salários, fato este que acaba por contribuir com o processo de economias de aglomeração. A Região Norte apresentou o oposto, já que apresenta a menor parcela do número de empresas e assim também poucos postos de trabalho, além da baixa expressão no PIB Nacional. Na análise entre a Região Sul e a Região Nordeste o número de empresas apresentou números próximos, com uma ligeira vantagem do Sul, tornando as duas regiões mais importantes economicamente para o Brasil, logo atrás do Sudeste.

Através do conceito de economias de aglomeração, foi possível perceber que este fenômeno teve alto impacto em variáveis importantes no quesito empresarial no Brasil. Sabendo que as empresas causam múltiplas influências no sistema social, é necessário aprimorar os estudos sobre o devido tema e seus subtemas, pois além de inúmeras desigualdades históricas, o desequilíbrio produtivo pode ser motivo e causa de problemas das mais diversas ordens.

Este estudo pode servir de base reflexiva para a expansão da consciência de que o fenômeno de aglomeração empresarial precisa ser administrado e utilizado em pró do

desenvolvimento da economia brasileira no geral.

Referências

CAMPOS, Lediany Freitas de; MARTINS, Nildred Stael Fernandes; OLIVEIRA, Ana Maria Hermeto Camilo de; SIMÕES, Rodrigo Ferreira. Atributos urbanos e condição de ocupação da população economicamente ativa de Minas Gerais: uma análise multinível. , [S. l.], p. 1-20, 16 abr. 2016.

CANO, W. Concentração e desconcentração econômica regional no Brasil: 1970/95. **Economia e sociedade**, v. 8, p. 101-139, 1997.

DALBERTO, C. R; STADUTO, J. A. R. Uma análise das economias de aglomeração e seus efeitos sobre os salários industriais brasileiros. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 17, p. 539-569, 2013.

GALINARI, R. et al. Economias de Aglomeração no Brasil: evidências a partir da concentração industrial paulista. **XXXV Encontro Nacional de Economia**, Recife, p. 1-20, 2007.

LEMO, M.B. Espaço e capital: um estudo sobre a dinâmica centro x periferia. (Doutorado em Ciências Econômicas) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas. p. 135-197, 1988.

MARTINS, N.S.F. Dinâmica Urbana e Perspectivas de Crescimento – Itabira / Minas Gerais. Orientador: Rodrigo Ferreira Simões. Dissertação (Mestrado). Curso de Ciências Econômicas, Faculdade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003..

MELO, L; SIMÕES, R. Desigualdade econômica regional e spillovers espaciais: evidências para o nordeste do Brasil. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 42, n. 1, p. 9-24, 2016.

Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3274>>. Acesso em: 15 de março de 2022.